

## ANITA LEOCÁDIA BENÁRIO PRESTES: FILHA DA REVOLUÇÃO, PARTE 1

*ANITA LEOCÁDIA BENÁRIO PRESTES: DAUGHTER OF REVOLUTION, PART 1*

Entrevista por Higo Lima<sup>1</sup>

35



Legenda: Anita Prestes  
Foto: Marcos Garcia (2018)

Ainda bem antes de nascer, a vida de Anita Leocádia Benário Prestes já estava enlaçada aos livros de História. Às vezes, na condição de protagonista dos fatos, em outros momentos como testemunha deles e, por fim, na dedicação acadêmica à pesquisa e à docência: doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora no Programa de Pós-graduação em História Comparada na Universidade Federal do RJ (UFRJ).

---

<sup>1</sup> Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Jornalista da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2515817629755300>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9591-2269>.

Os sobrenomes já denunciavam a ascendência na luta revolucionária. Seu pai é Luiz Carlos Prestes (1898-1990), que, depois de quase quatro anos refugiado na União Soviética, resolve retornar ao Brasil, em 1934, para iniciar uma revolução popular pelo país. Coube à sua mãe, a alemã Olga Benário Prestes (1908-1942), salvaguardar a segurança pessoal do brasileiro ao longo da peregrinação, conforme a missão dada pela executiva Internacional Comunista.

Na presidência da Aliança Nacional Libertadora, Prestes articulou em 1935 um levante popular com estopim em cidades como Rio de Janeiro, Recife e Natal para derrubar o governo de Getúlio Vargas. A empreitada, conhecida como Intentona Comunista, fracassou. No entanto, desse que seria um encontro para empunhar missão político-ideológica, surgiu a paixão entre os dois jovens militantes do comunismo.

Quando o movimento foi desbaratado e o casal detido, Olga já estava grávida. Mesmo assim, Getúlio Vargas expulsou a jovem para a Alemanha nazista de Adolf Hitler, acusando-a de *“perigosa à ordem pública e nociva aos interesses do país”*. Na tentativa de reverter a decisão, um habeas corpus foi impetrado no Supremo Tribunal Federal do Brasil, mas a Corte indeferiu o pedido de permanência e ainda recursou uma perícia médica para constatar a gravidez.

Foi sob os agouros de toda a má sorte que paira em um campo de concentração que Anita Leocádia Prestes nasceu, em 27 de novembro de 1936. A recém-nascida foi entregue à avó paterna, dona Leocádia, após período da amamentação e graças à mobilização internacional. Pouco tempo depois, em 1942, Olga foi executada numa câmara de gás.

Hoje, Anita Prestes é uma senhora octogenária, de corpo franzino, pele alva a desenhar o caminho das veias, olhos atentos, cabelo mantido no estilo Chanel clássico e voz contundente. Uma vida dedicada à memória de seus pais: autora da biografia de ambos; mantém incansável rotina de pesquisa; e segue denunciando as arbitrariedades do Estado.

Esta entrevista, concedida nas primeiras horas de uma manhã em setembro de 2018, em Mossoró/RN, está dividida em duas partes, ambas publicadas na Revista Informação e Cultura - RIC, nesta edição e na subsequente. Na primeira parte, Anita Prestes resgata a memória de sua mãe, construída a partir dos relatos dos familiares, dos encontros com as

companheiras de prisão e da sua ida aos campos de concentração na Alemanha. Detalha as temporadas na Rússia para estudar, exilar-se e desempenhar atividades no partido comunista.

A segunda parte descreve sua relação com o pai, Luiz Carlos Prestes, que, por circunstância da pobreza, formou-se no Colégio Militar e, pelo ímpeto da rebeldia, dedicou-se à revolução. Uma detalhada explanação ajuda a entender como o militarismo assumiu papel “progressista” e “reacionário” ao longo da História do Brasil. Por fim, mostra seu entusiasmo por um movimento popular revolucionário que, embora seja difícil, aponta ser o único caminho.

*"Como ela apreciava a natureza no Brasil!  
Quando eles chegaram aqui, que ela viu as  
praias brasileiras, ela ficou maravilhada"*

## ENTREVISTA

**HIGO LIMA (HL)** – Professora Anita, qual o seu sentimento em relação ao posicionamento do Brasil, do Governo brasileiro, com a extradição da sua mãe?

**ANITA LEOCÁDIA BENÁRIO PRESTES (ALBP)** - Como dizia meu pai, foi um grande crime cometido pelo Getúlio Vargas [1882-1954], porque o Getúlio foi o principal responsável. Botam a culpa muito em Filinto Strubing Müller [*chefe de polícia*]. O Filinto Strubing Müller, sem dúvida, era um facínora, né? Mas cumpria ordens superiores, era simplesmente chefe de polícia. Quem tinha o poder na mão era o Getúlio. E teve ainda o advogado que procurou defendê-la na ocasião: apelou para o Supremo Tribunal Federal, que negou o *habeas corpus*. Ela tava grávida esperando um filho brasileiro, então, pela legislação brasileira, ela tinha direito a permanecer no País, compreende? Foi um negócio totalmente ilegal.

**HL** - A senhora diretamente e a família como um todo, vocês receberam alguma reparação, algum pedido público de desculpas?

**ALBP** - Não. A gente nunca pediu e, também, nunca recebeu nada.

**HL** - A senhora carrega mágoa do Estado brasileiro?

**ALBP** - Não. Eu acho que isso aí faz parte da luta. Agora, tem que ser denunciado, tem que isso fazer *pra* evitar que se repitam fatos como esse. Inclusive não foi só ela, foi a outra companheira alemã que foi junto com ela [*Elise Ewert, conhecida por “Sabo”*]. E muitos outros! Você sabe que teve judeus, teve muita gente sendo expulsa... A repressão na época foi grande, seguramente.

**HL** - O seu período na Rússia, no exílio, acompanhando seu pai...

**ALBP** - Não foi bem isso. Eu passei por várias estadas na Rússia. A primeira eu tinha 14 anos. A primeira vez que eu fui *pra* lá, isso era 1950, eu fiz 14 anos no final do ano e aqui era época da Guerra Fria. Tinha muita repressão. Governo Dutra [*Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), presidente do Brasil entre 1946 e 1951*]. Segundo diziam – não me falavam porque eu era ainda uma menina, assim, adolescente – mas a família recebia cartas anônimas, ameaças... Meu pai *tava* clandestino na época, mas as minhas tias tinham receio e o Partido mesmo, a direção do PCB [*Partido Comunista Brasileiro*], tinha preocupação que eu pudesse ser sequestrada, que pudesse acontecer alguma coisa. Tanto que, nesses últimos dois anos que eu tive aqui – eu já com 12, 13 anos – eu não podia sair sozinha à rua. Andava acompanhada o tempo todo. Era até muito desagradável *pra* mim. Tinham dias que eu ia *pra* escola com dois camaradas do Partido me levando e depois buscando, porque o pessoal tinha medo de que pudesse acontecer alguma coisa.

**HL** - Essa foi a motivação da sua ida *pra* Rússia?

**ALBP** - Aí me mandaram *pra* União Soviética, *pra* Moscou, e eu fiquei lá sete anos, fiz todo o curso secundário lá.

**HL** - Quais suas lembranças de lá, da experiência socialista?

**ALBP** - Foram muito boas. Foram muito boas as experiências de lá, inclusive a escola toda era pública, enfim, a infância e juventude era super protegida - até demais [*risos*]. Eu pude estudar. Lá tinha uma base muito boa, tanto que eu cheguei aqui e fiz vestibular tranquilamente. Tinha um preparo muito bom lá!

Então essa foi a primeira vez. Depois eu estive, já nos anos [19]60, eu passei dois anos lá fazendo um curso de marxismo. O partido que me mandou *pra* lá porque eu era militante do partido e tal, então, fiquei lá 2 anos. Existia uma escola do Partido *pros* comunistas estrangeiros.

**HL** - A senhora acredita que haveria viabilidade de uma experiência brasileira do que aconteceu na União Soviética? Um socialismo...

**ALBP** - Não. O socialismo tem que ser diferente no Brasil. Em cada país é de um jeito. Cuba é bem diferente do Brasil, quer dizer, totalmente errado querer copiar modelo.

**HL** - Esse foi o nosso erro?

**ALBP** - É um dos erros, muitos outros. Muitos outros...

[*Retoma fala sobre as idas a Rússia*] ...mas e depois eu tive uma terceira vez e aí realmente foi exílio. Foi agora a partir de [19]73, que eu estava muito visada aqui, eu tinha atividade no partido comunista, no PCB, em São Paulo. Na época eu atuava em São Paulo e muita gente foi presa, *tava* havendo uma verdadeira razia policial e o pessoal fala, denunciou... Sei que eu passei a ser muito visada, muito procurada e aí consegui sair do país e fui *pra* União Soviética. Passei lá de 73 e só voltei com a anistia em [19]79, porque eu fui condenada, tive os direitos políticos cassados... toda essa história como aconteceu com tanta gente.

**HL** - Nas duas últimas vezes a ida a Rússia [*União Soviética*] já foi uma opção sua, por quê?

A – Porque a União Soviética era, digamos, a nossa segunda pátria. Lá, a gente realmente tinha toda a solidariedade possível. A solidariedade era muito grande.

**HL** - A senhora nasceu na Alemanha...

**ALBP** - ...em uma prisão em Berlim.

**HL** - ...quando regressa ao Brasil, a sua volta a Alemanha como foi? Como ficou essa relação depois?

**ALBP** - O problema não é a Alemanha, o problema foi o fascismo, o nazismo que, enfim, aprisionou e matou minha mãe, como muitos outros também.

**HL** - A senhora chegou a retorna [*à Alemanha*] por curiosidade e para refazer os passos daquele momento?

**ALBP** - Não propriamente por curiosidade. Eu fui convidada. A primeira vez que eu fui a Alemanha foi em [19]61, eu tinha 20 e poucos anos, convidada pela Juventude Democrática, que era da Alemanha Socialista, a RDA (República Democrática Alemã). Eles me convidaram para visitar a RDA e eu passei mais de um mês visitando todo o país, toda a República. A convite deles, inclusive, o campo de concentração onde minha mãe esteve presa eu visitei também: *Ravensbrück*, onde ela passou maior parte do tempo. A Alemanha estava dividida.

Na Alemanha Oriental, na Berlim Oriental, ficava a prisão onde eu nasci [*Barnimstrasse*], que eu também visitei. Eu visitei muita coisa naquela ocasião, isso foi em 61. Depois, eu já voltei mais duas vezes, sempre a convite de movimentos antifascistas. Todas as vezes eu fui ao campo de *Ravensbrück*, que é um museu hoje em dia, já desde a época socialista. Sempre me receberam lá. Agora mesmo eu tenho correspondência com a diretora do museu. Eles fazem um trabalho interessante de divulgação. Não só nesse museu, tem outros campos de concentração que também são museus.

**HL** - O que a senhora chegou a encontrar da sua mãe por lá?

**ALBP** - Tem algumas coisas nesse museu de *Ravensbrück*. Pequenos objetos que as prisioneiras faziam, porque era um campo para mulheres. Então tem algumas coisas que algumas me deram, outras me deram cópias. Por exemplo, tem lá no museu um atlas pequenininho, um livrinho – ela desenhava bem -, então ela fez um atlas, porque elas faziam um trabalho político muito grande dentro do campo de concentração, de resistência. Discutiam o panorama de guerra, daí por isso que ela fez esse atlas ali da Europa para poder discutir com as outras companheiras a guerra que estava em curso. Tem alguns objetos que estão no museu, me deram alguma coisa... Faziam bordados, faziam bichinhos, faziam algumas coisas também para organizar as mulheres. Muito interessante isso que nos campos de concentração, com condições terríveis, o pessoal resistia: se organizavam, lutavam e resistiam. Se organizavam os comunistas, principalmente, mas não só.

**HL** - A senhora manteve contato com filhas de outras aprisionadas?

**ALBP** - Não. Eu mantive contato, principalmente dessa primeira vez que eu fui, que tinha muita gente ainda viva, com companheiras que estiveram presas junto com ela. Eu conheci algumas. Mas agora já morreu todo mundo.

**HL** - O que elas destacavam de sua mãe?

**ALBP** - Ah! Todo mundo dizia que ela era uma mulher extremamente corajosa, com iniciativa. Ela conseguia manter a moral ótima porque, nessas condições, a tendência da maioria das pessoas é, enfim, entrar em depressão. Ela procurava sempre manter o pessoal, fazer ginástica, estudar. Estudavam língua, havia literatura clandestina que circulavam, faziam até jornais clandestinos dentro do campo de concentração. De vez em quando pegavam e eram

castigadas, mas resistiam. E trabalho escravo! Por exemplo, uma fábrica como a *Siemens* tinha fábrica acoplada a esse campo de concentração que utilizava trabalho escravo das mulheres.

**HL** - Quais lembranças seu pai te passava dela?

**ALBP** - Ele falava muito nela. Bastante presente! Ele ressaltava a coragem dela e, ao mesmo tempo, doçura. Que ela era uma pessoa que gostava muito de criança. Ele costumava dizer isso: “*tudo o que é belo a encantava*”. Ele recordava muito que, quando eles vinham saindo da União Soviética, passaram pela Europa, pelos Estados Unidos para chegar no Brasil. Foi uma viagem longa, tiveram problemas com documentação. Um dos lugares em que eles passaram foi na Holanda, Amsterdam, onde tem o museu do Rembrandt [1606-1669], aquele grande pintor: “*Como ela ficou encantada, como ela apreciava a arte*”, ele sempre falava nisso. Como ela apreciava a natureza no Brasil! Quando eles chegaram aqui, que ela viu as praias brasileiras, ela ficou maravilhada. Geralmente, europeu fica maravilhado com a natureza brasileira. Ela apreciava muito... Era uma pessoa muito solidária, muito amiga. Ele falava muito nela, inclusive no ponto de vista, assim, de que a figura dela estivesse presente na minha educação. O tempo todo ele teve essa preocupação: o exemplo dela!

**HL** - Professora, a senhora fala em entrevistas que nossas forças populares estão muito fragilizadas, que perdemos a capacidade de se organizar enquanto povo. Tem essa questão de um lado e, por outro lado, temos um desgaste do Estado, um desgaste da imagem do Judiciário, do Legislativo, do Executivo... Se essa mudança parte das forças populares e elas estão desorganizadas, onde vai dar isso? Como resolver essa equação?

**ALBP** - Por enquanto, eu acho que solução a curto prazo não tem. O que precisa são as pessoas de esquerda, com mentalidade marxista ou próxima, enfim, que estão dispostas a contribuir para mudar essa situação, encontrar caminhos para organizar os setores populares. A nossa tradição é de desorganização. As classes dominantes no Brasil conseguiram sempre isso: esmagar qualquer tipo de rebeldia. Então isso dificultou muito. Nós, tradicionalmente, não temos organização popular. Começou a aparecer agora, principalmente, a partir dos anos [19]80 com o MST [*Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*]. Realmente tem esse mérito: conseguiu organizar, mas é mais trabalhador rural.

**HL** - [O MST] seria a nossa maior força organizada hoje?



**ALBP** - Eu acredito que sim, é o MST. O que tá passando por problemas sérios também, mas, de qualquer maneira, é uma experiência importante de ser vista. O caminho é esse: organização popular. Para organizar, você tem que se organizar em torno das reivindicações sentidas. Não adiante você ir com discurso socialistas, isso não vai resolver, porque ninguém vai entender. Você tem que ver quais são as reivindicações que mobilizam aquele setor para tentar organizar, lutar por suas reivindicações. Nessa luta, os setores de vanguarda têm que procurar formar quadro, educar. Uma coisa que, aliás, o MST procura fazer, tem escola e tal... O estudo do marxismo eu acho que é fundamental, mas não só do marxismo, da realidade brasileira, conhecer o Brasil. O marxismo pode ser um instrumental muito bom, mas a realidade tem que ser conhecida e ter a capacidade de aplicar esse instrumental para essa realidade. Não é copiar modelo, nem de Cuba, nem da China, nem da Rússia. Tem que elaborar o nosso caminho para o socialismo. Essa é uma tarefa a fazer!

**HL** - Um caminho longo?

**ALBP** - É longo, eu acho que não vai ser a curto prazo! E a esquerda brasileira tem um vício muito sério – as esquerdas -, que é querer resultados rápidos, muito via eleitoral. Eu acho que a via eleitoral cada vez se fecha mais, cada vez você tem menos possibilidade de através de eleição influir em alguma coisa. Muito pouco! Não quer dizer que não se participe de eleição, mas não se pode, na minha opinião, apostar fundamentalmente em eleição. Achar que vai ter um candidato salvador que vai resolver tudo.

**HL** - Qual seria o desafio de um partido comunista em um cenário tão reacionário, tão fascista?

**ALBP** - Só tem um caminho: organização popular. Eu até tenho um artigo no meu site [[www.ilcp.org.br](http://www.ilcp.org.br)], é um dos mais antigos, de quando Lula se elegeu pela primeira vez [em 2002], eu escrevi esse artigo fazendo uma comparação entre a posição que o Prestes [Luiz Carlos Prestes (1898-1990), seu pai] assumiu em [19]30, rejeitando o poder que lhe foi oferecido na bandeja, e a posição do Lula fazendo um pacto com o imperialismo para assumir o poder. Duas posições opostas. Os dois, grandes líderes populares: em 30, o Prestes era a maior liderança que existia no Brasil; e o Lula, uma liderança muito importante na virada desse século agora [sec. XXI]. Ao Prestes, o poder lhe foi oferecido na bandeja. Ele tinha muito mais prestígio que o Getúlio Vargas, e ele recusou. Por que ele recusou? Porque ele viu que não tinha organização popular para lhe dar sustento. Então, ele podia até ser eleito ali pela Aliança



Liberal, mas o que ele ia fazer lá? Ou ia se pactuar, ficar totalmente dependente daquelas oligarquias que tomaram o poder – fazer política é o que o Getúlio fez – ou então ele seria excluído e até ser morto. Podia ser morto ali porque não ia aceitar fazer isso. Ele entendeu isso e recursou o poder, que foi um escândalo na época. Ninguém recusa poder! O Partido Comunista [PCB] era super pequenininho, sem força, compreende? Não tinha influência na sociedade brasileira, então ele não tinha setores populares organizados para realmente fazer uma transformação nesse país. Ele até hoje é muito criticado por isso, porque é - tal coisa - é o messianismo: as pessoas acham que um salvador vai resolver os problemas. Naquela época, o messianismo era em torno do Prestes. O Prestes ia ser o grande salvador, se ele aceitasse ir *pro* poder que estava sendo oferecido, ele ia salvar o Brasil. Ledo engano! Ele percebeu que não. Não ia ter condições, ele ia se desmoralizar, se desgastar...

*"Você tem que ver quais são as reivindicações que mobilizam aquele setor para tentar organizar, lutar por suas reivindicações. Nessa luta, os setores de vanguarda têm que procurar formar quadro, educar."*

**HL** - Como conseguir fazer essa organização popular?

**ALBP** - Eu acho que todas aquelas pessoas que compreendem isso - pessoas, entidades - têm que procurar qual é o setor que pode ajudar a organizar e conscientizar. Você vê que o MST faz isso com os trabalhadores sem-terra. É necessário fazer isso. Aqui na cidade, os sindicatos, na sua grande maioria, são *"apelegados"*. Isso já vem de antes da ditadura, mas principalmente depois da ditadura. Então, você veja que, quem tem alguma atuação em alguma categoria profissional, que é sindicalizada, eu acho que a tarefa dessas pessoas é procurar acumular forças, organizar os trabalhadores dessa categoria para eleger diretorias que sejam, realmente, comprometidas com os interesses dos trabalhadores. Isso será um grande avanço:

tirar os pelegos e botar gente que, realmente, [sejam] lideranças comprometidas com os interesses dos trabalhadores. Esse é um trabalho que leva algum tempo para você fazer isso, mas é possível de fazer, seja nos professores, seja no meio dos operários... nos diferentes setores.

**HL** - Por que essas pessoas não aparecem? Elas estão desgastadas, desmotivadas... Por que os pelegos estão ocupando esses lugares?

**ALBP** - Porque eles têm força. Inclusive o famoso imposto sindical dá muita força. Sabe o que é o imposto sindical? Agora acabou [refere-se à promulgação da Lei 13.467/2017 sobre o fim da contribuição sindical obrigatória]. Mas o grande problema é esse: se não tem organização, esse apoio da categoria, vai ficar em uma situação muito difícil porque, veja, tendo apoio da categoria, os trabalhadores vão sustentar. Vão até fazer sacrifício para tirar o dinheiro do bolso e sustentar aquela diretoria que, para eles, é importante está defendendo seus interesses. Então tem que lutar para isso: se você faz parte de uma determinada categoria, participa no sentido de esclarecer os seus colegas, os seus amigos, de acumular forças na luta pelas reivindicações. Toda categoria tem muita reivindicação.

**HL** - Seria um trabalho de formiguinha?!

**ALBP** - É, exatamente! Mas o caminho é esse. Eu acho que não tem outro caminho. Não existe caminho maravilhoso, que cai do céu, alguma coisa pronta. Isso não existe, é messiânico!